

T 0269

REY

CLi 0329

Sist. 59423

03a0048-49 (03)

1. Reinaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre Gide e Sartre
5. Porto Alegre
6. 22 de setembro de 1949
7. nº 299
8. Seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Amélia Ester
11. 28 de abril de 1994

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

Você precisa escrever um romance grosso, dizia um crítico a um escritor, e colaborava com um gesto do polegar e do indicador para mostrar a espessura do livro que recomendava. E o escritor, por sua vez, replicava ao amigo: você precisa escrever uma obra de arte, e com os mesmos dedos empregados pelo outro, indicava o escasso centímetro de espessura do volume desejado.

Sempre que precisamos nêsse episódio, realmente acontecido entre Viana Moog e Atos Damasceno, logo nos ocorre a imagem de alguns livrinhos de Gide e algumas novelinhas inesquecíveis dêsse profundo e tão humano fixador da beleza. Symphonie Pastorale. Ecole de Femmes. La Porte Etroite. Pequenas obras de arte, como queria o escritor diante do crítico que exigia grossos volumes. Pequenos volumes que resistem a uma segunda, a uma terceira

leitura, e que ficam em nossa recordação como elementos necessários e palpitantes, material inestimável de viva e nitida cultura.

Conta Gide em um dos volumes do seu jornal, que ao trabalhar conscientemente suas paginas, acaba descobrindo nelas depois, defeitos desagradáveis. Ao passo que, quando escreve rapidamente e sem pensar muito na forma literaria que está desdobrando em torno das coisas que constituem o seu tema, quase sempre, depois, verifica que foi feliz, pela espontanea segurança com que traçou o que queria.

Quem tiver tempo, que faça um paralelo entre Gide e Sartre. A principio parecerá que Sartre tem maiores recursos que o velho Gide. Sua ficção inquieta e surpreende. Seus achados são muito felizes, à primeira vista. E um escritor dos tempos novos, que escreve para nos dizer novidades numa arte tão velha como o proprio mundo. Sua arquitetura sugere a veloz simultaneidade das coisas, dos acontecimentos, do colorido e dos volumes d'este mundo de população densa e de problemas sem solução. Ao passo que o velho Gide é sempre aquela transparencia de uma clareira tranquila, de uma água correndo na solidão, de uma aurora que se immobilizou à espera não se sabe de que momento novo na vida silenciosa da alma dos homens. Entretanto, quando, a segunda leitura nos familiariza mais com o autor, e e começamos a descobrir as suas junturas, as suas ligações, os artificios usados no seu artesanato literário, acabamos relendo Gide até o fim, enquanto Sartre permanece de lado,

tendo sido capaz apenas de um primeiro e único golpe que nos deixou por um momento tontos no ring repousado do mental. Gide, como a propria vida é o único que continua.

Como queria aquele escritor diante do critico critico partidario dos grossos volumes, ele escreveu école de Femmes, escreveu Sinphonie Pastorale, escreveu... tão pouco para dizer tanto, pois o mundo e a vida afinal, em seus resumos capitosos, não são mais que um momento. O resto é repetição e tumulto, onde se desenrolam os grandes romences ao longo da analise de muitas vidas. Mas em essencia o que realmente existe são pequenos milagres.